





Discursos na Harmonização Estética: Autenticidade, Identidade e Padrões Sociais

 Publicado em acesso aberto sob uma licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) 

Resumo: Este artigo examinou os enunciados a respeito da harmonização estética, indagando a tensão entre a autenticidade e os padrões sociais de beleza. Por meio da Análise do Discurso, com base em Bakhtin, Foucault e Orlandi, investigou-se como a estética normatiza e controla identidades. A análise de enunciados em websites e redes sociais revelou a relação complexa entre liberdade e imposições sociais. O estudo destacou a interação dialógica e a construção da identidade estética em um contexto de medicalização e influência digital. Os resultados mostraram que a harmonização estética, apesar de promover bem-estar, perpetua ideais de beleza e desigualdades. A pesquisa contribuiu para a reflexão crítica sobre a estética contemporânea e sua interação constante entre os discursos sociais e a subjetividade.

Palavras-chave: análise do discurso, harmonização estética, autenticidade, padrões de beleza.

Abstract: This article examined statements regarding aesthetic harmonisation, investigating the tension between authenticity and social standards of beauty. Using discourse analysis, based on Bakhtin, Foucault and Orlandi, we investigated how aesthetics normalize and control identities. The analysis of statements on websites and social media revealed the complex relationship between freedom and social impositions. The study highlighted the dialogical interaction and the construction of aesthetic identity in a context of medicalisation and digital influence. The results showed that harmonisation, despite promoting well-being, perpetuates ideals of beauty and inequalities. The research contributed to critical reflection on contemporary aesthetics and its constant interaction between social discourses and subjectivity.

Keywords: discourse analysis, aesthetics harmonisation, authenticity, beauty standards.

¹ Walteir Alves Magalhães · ² Pedro H. S. Neves · ³ Erly Guilherme Azevedo

¹ Docente, Universidade Presidente Antônio Carlos, Governador Valadares, MG, Brasil
Mestrado em Ciências Biológicas, Universidade Vale do Rio Doce

 <https://orcid.org/0000-0002-1887-7180>  walteirmagalhaes@unipac.br

² Docente, Secretaria Municipal de Educação, Governador Valadares, MG, Brasil
Mestrado em Gestão Integrada de Território, Universidade Vale do Rio Doce

 <https://orcid.org/0000-0003-0690-912X>  pedrohenrique.neves@live.com

³ Docente, Universidade Federal de Juiz de Fora, Governador Valadares, MG, Brasil
Doutorado em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais

 <https://orcid.org/0000-0003-2983-0481>  erly.azevedo@ufjf.br

Recebido em 22/01/2026

Aceito em 11/02/2026

Publicado em 28/02/2026



Introdução

A Estética, compreendida como um campo de conhecimento, influencia e molda a percepção do corpo humano. Na sociedade contemporânea, tornou-se uma área de grande relevância, principalmente devido ao crescimento das alternativas de procedimentos estéticos, como a Harmonização Estética (HE) (Castro, Santos & Machado, 2023).

As transformações culturais têm contribuído para a formação de um cenário em que a estética ultrapassa a mera aparência, intensificadas pelo maior acesso às redes sociais e pela crescente medicalização do corpo. Passando a atuar como uma ferramenta de empoderamento, expressão individual e adesão às normas sociais (Poli Neto & Caponi, 2007; Polli, Joaquim & Tagliamento, 2021; Silva, 2022).

A busca pela beleza idealizada articula uma complexa rede de interações entre o indivíduo e as narrativas sociais, midiáticas e mercadológicas (Moreno, 2016). Paradoxalmente, a estética contemporânea gera contradições ao mesclar a noção de liberdade e independência pessoal com a imposição de normas preexistentes, determinadas por influências externas (Dos Anjos & Ferreira, 2021).

A suposta autenticidade no discurso estético é, na verdade, uma contradição, visto que é frequentemente direcionada por uma indústria que, simultaneamente, naturaliza a conformidade do "eu" e estabelece um padrão de beleza uniformizado (Godoi, Pinto & Cardoso, 2024), demonstrando que a estética não apenas reflete decisões individuais, mas atua como um domínio que direciona e controla as escolhas dos sujeitos, mesmo sob a aparência do livre-arbítrio.

Diante desse cenário discursivo, tornou-se pertinente recorrer a autores como Mikhail Bakhtin, Michel Foucault e Eni Orlandi, sendo base teórica para esta análise discursiva decorreu da necessidade de compreender a HE como prática transversal da linguagem, do poder e da ideologia. Iniciando por Bakhtin (2003, 2009), que contribuiu ao conceber o discurso como um fenômeno social e dialógico, em que cada enunciado é constituído pela interação entre vozes sociais. O que permite interpretar a HE como produção de sentidos que circulam entre sujeitos, mídias e instituições.

Por sua vez, Foucault (1979, 2004, 2019) fundamentou a análise das práticas estéticas como dispositivos de poder que produzem subjetividades, regulam corpos e instauram regimes de verdade

sobre o que é considerado belo, saudável ou aceitável. Já Orlandi (2017, 2020) possibilitou examinar a HE enquanto discurso atravessado por ideologias que orientam modos de dizer e de significar o corpo, evidenciando como a linguagem participa da constituição dos sujeitos e das formas de pertencimento social.

A articulação entre esses autores garante um olhar amplo, crítico e coerente para compreender as dinâmicas discursivas que estruturam a estética contemporânea. A necessidade deste estudo emergiu do crescente fortalecimento de discursos que vinculam a autenticidade pessoal à adequação a padrões estéticos socialmente produzidos, especialmente no âmbito da Harmonização Estética.

Observou-se que, embora a HE seja apresentada como prática de autonomia e autocuidado, ela alia enunciados que, simultaneamente, reforçam normas, regulam comportamentos e condicionam identidades. Diante de um cenário em que a aparência se torna parâmetro de valor social e moral, torna-se fundamental investigar como e por meio de quais discursos esse ideal de beleza é legitimado, internalizado e reproduzido pelos sujeitos. Assim, o problema central desta pesquisa consiste em compreender de que forma a HE articula discursos de liberdade e padronização, revelando tensões entre vontade individual e dispositivos sociais que moldam o corpo e a identidade.

Assim, o artigo propõe uma análise do discurso em variados enunciados estéticos contemporâneos, concentrando-se na HE e embasando-se nas teorias de Mikhail Bakhtin, Michel Foucault e Eni Orlandi. Tendo como objetivo, entender como a estética se apresenta não apenas como um espaço de autoafirmação e saúde, mas também como uma prática social imersa em um sistema normativo, que procura moldar a identidade dos sujeitos e, ao mesmo tempo, intensifica e solidifica as desigualdades sociais.

Metodologia

Adotando a Análise do Discurso e com base nos conceitos teóricos de Mikhail Bakhtin (2003, 2009); Michel Foucault (1979, 2004, 2019) e Eni Orlandi (2017, 2020), este estudo investigou a condição de produção dos discursos diretos, livres, com sujeito não aparente sobre HE e seus efeitos sobre a subjetividade contemporânea.

Para a coleta do corpus, foram utilizados websites e redes sociais, enunciados por influenciadores digitais e profissionais da área. Nesse sentido, buscou-se aprofundar na homogeneidade dos discursos sobre este procedimento e suas relações sociais. Tendo em vista a

análise das interações entre as diferentes vozes (profissionais, influenciadores e usuários), buscou-se identificar as tensões e relações de significados no presente corpus.

Critérios de Seleção do *Corpus*

A seleção dos enunciados obedeceu aos seguintes critérios:

- a) Relevância Temática: deveriam abordar a HE, a beleza ou a relação entre estética e identidade.
- b) Representatividade Discursiva: Buscou-se incluir enunciados que representassem as diversas perspectivas e discursos dos falantes sobre a HE, desde um discurso promocional até reflexões sobre a questão da autoimagem.
- c) Diversidade de Fontes: Todos foram extraídas de diferentes websites e redes sociais, em perfis de profissionais da estética, páginas clínicas e publicações postadas por influenciadores digitais, visando garantir essa diversidade dos locais onde o corpus foi extraído.

Totalizando dez (10) enunciados selecionados por sua capacidade de ilustrar aspectos específicos dos discursos estudados:

- I - "Harmonização facial e aceitação espiritual são como reflexos delicados dos aspectos externos e internos, guiando-nos à busca do equilíbrio e da harmonia em nossa vida" (Guimaraes, 2025).
- II - "Harmonizar é sobre evidenciar a beleza que existe em cada um!" (IOB, 2024).
- III - "Preservando seus traços e aprimorando sua beleza" (DRA, 2025).
- IV - "A estética é o caminho para a autoexpressão e empoderamento. Seja sua própria obra-prima!" (Clínica, 2024)
- V - "Aprenda a valorizar sua beleza única e autêntica. Sua pele é sua melhor embalagem" (Nery, 2024).
- VI - "A pele é uma tela em branco e eu posso transformá-la numa obra-prima de vitalidade" (Pensador, 2025a).
- VII - "A estética é a arte de se reinventar de forma suave" (Pensador, 2025b).
- VIII - "Tenha orgulho de cada traço em seu rosto, pois eles são sinônimos de uma linda trajetória" (Fonseca, 2024).
- IX - "Cada cuidado estético é um passo em direção à sua melhor versão. Nunca pare de se transformar" (Pensador, 2025c)
- X - "Estética é a liberdade de ser quem você realmente é, o tempo todo" (Pensador, 2025d).

Eixos de Análise

A análise foi estruturada em três eixos:

Contextualização ideológica, cultural e social

Investigou-se como a HE se insere nos discursos sobre beleza e identidade na contemporaneidade.

Análise linguística e dialógica

Examinou-se o uso de figuras de linguagem, estereótipos e formações imaginárias na construção discursiva, baseado em Bakhtin explorando as relações dialógicas, a heteroglossia e a noção de resposta, e em Orlandi complementando e expandindo as perspectivas da relação entre discurso, ideologia e sujeito.

Interpretação crítica

Interpretação crítica, integrando as perspectivas de Bakhtin e Foucault, para analisar como os discursos sobre HE moldam os corpos e as subjetividades. A perspectiva bakhtiniana do dialogismo foi utilizada para analisar a interação entre diferentes vozes e como os sujeitos negociam e resistem a esses discursos. A análise foucaultiana dos mecanismos de poder, a biopolítica e a tecnologia de si, foi utilizada para examinar como os discursos estéticos regulam os corpos, impondo normas e padrões de beleza.

Tratamento do Corpus

Adotando a metodologia de Orlandi (2020), que enfatiza a importância das sequências discursivas como unidades analíticas, este estudo examinou os enunciados sobre a beleza em seus aspectos discursivos e representacionais. Tal abordagem permite uma leitura ampliada dos sentidos

construídos, considerando as múltiplas possibilidades de interpretação e os gestos de leitura que estruturam os significados no contexto social.

Reflexão Sobre a Posição do Analista

A análise contida no presente estudo foi resultado de uma interpretação situada, que assume a subjetividade do analista como parte do processo de construção dos sentidos. A posição do analista, aqui em razão de seu trabalho como pesquisador dotado de singularidade subjetiva, num dado contexto social e cultural, influenciou sua seleção do corpus, a interpretação dos dados e a formulação das conclusões. Desse modo, reconhecemos que os nossos valores, as nossas crenças e as nossas experiências têm um peso sobre nossa forma de compreender os discursos a respeito de HE.

Entretanto, aqui, procurou-se minimizar os vieses, ao tomar uma atitude crítica e reflexiva ao longo de todo o processo da pesquisa. Considerando-se que a explicitação da posição do analista deu maior transparência à pesquisa e permite ao leitor avaliar criticamente as respostas elaboradas. Considera-se ainda que, reconhecida e explicitada a subjetividade do analista, a análise pôde ser enriquecida, permitindo o reconhecimento de matizes e sutilezas que poderiam se perder em uma abordagem totalmente objetiva.

Discussão

Linguagem e Estética: Construção Discursiva da Beleza Contemporânea

O cuidado com a beleza e a qualidade de vida ganha destaque em um discurso que valoriza individualidade, autoestima e transformação (Alberini, 2020; Martins & Ferreira, 2020). A estética surge como meio de fortalecimento, facilitando a aceitação interna e equilíbrio entre corpo e mente, embora muitas vezes negligencie a importância do bem-estar psicológico (Loiola, 2014).

Os discursos sobre estética recorrem a elementos da linguagem que reforçam a identidade e a mudança do sujeito, insinuando que a imagem pode ser moldada conforme exigências da sociedade. No entanto, essa construção é ideológica, disfarçando a influência social que alimenta estereótipos normativos de beleza, como a busca por corpos magros e jovens (Moreira, 2020; Dos Anjos & Ferreira, 2021; Godoi, Pinto & Cardoso, 2024).

A linguagem da propaganda e da mídia possui papel vital na constituição das subjetividades, apresentando a transformação estética como caminho para o bem-estar e a autenticidade (Alberini, 2020; Floriani, Marcante & Braggio, 2010). Todavia, essa promessa encobre a exigência implícita de adequação aos padrões de beleza. A diversidade de vozes nos discursos estéticos evidencia a tensão entre autonomia para escolha e imposição do modelo universal de beleza, que muitas vezes não inclui todos os corpos (Moreno, 2016; Silva, 2021).

Na análise lexical revela um campo semântico abundante em estética, bem-estar e transformação, voltada para o comportamento do sujeito e a valorização da mensagem de forma poética. Elementos como "harmonização", "beleza" e "cuidados" dialogam com termos como "aceitação espiritual", "equilíbrio" e "vitalidade", evidenciando a inter-relação entre imagem exterior e satisfação interior. O uso de proposições que mescla termos técnicos e metáforas visa atingir tanto público especializado quanto geral, tornando o discurso acessível e envolvente (Orlandi, 2020; Tropia & Moreira, 2023).

No emprego de expressões como "reinventar", "empoderamento" e "liberdade" revela a estética como campo de autonomia pessoal, inserido em contexto neoliberal (Passos & Machado, 2018). O sujeito é cobrado pelo sucesso e qualidade de vida, exigindo investimento constante na imagem. Enunciados como "tenha orgulho de cada traço" e "a estética é a liberdade de ser quem você é" disfarçam as cobranças de um padrão estético já praticado e muitas vezes inatingível para a maioria da população (Moreira, 2020).

A análise fraseológica revela o uso frequente de metáforas e comparações, como "reflexos delicados" e "tela em branco", conferindo expressividade aos enunciados. Proposições de efeito, como "Seja sua própria obra-prima!" e "Nunca pare de se transformar", possuem tom motivacional e inspirador, incentivando a busca por padrões estéticos ideais. A metáfora do corpo como "tela em branco" alinha-se à ideia de Foucault (1979, 2004) sobre a normalização dos corpos. Na qual a busca por procedimentos estéticos é naturalizada, tornando-se uma prática aceitável e desejável. E ao enfatizar autonomia e autoexpressão, oculta as pressões sociais que limitam a própria autonomia e reforçam um ciclo de conformidade (Silva, 2021).

A análise linguística evidencia a predominância da função apelativa, que busca instigar o comportamento do sujeito, e da função poética, que valoriza a forma e a estética da linguagem (Orlandi, 2020; Gonçalves et al., 2021). O discurso reflete valores contemporâneos, como

individualidade, autoestima e satisfação, enfatizando a estética como forma de autoexpressão e manifestação de poder.

Os discursos analisados apresentam uma continuidade na valorização da estética como meio de autoafirmação e pertencimento social. Contudo, existe a ruptura no conceito de beleza: se antes os padrões eram rígidos, hoje se impõe a cultura da superficialidade da forma, que preconiza flexibilidade e individualidade, como nos trechos “... aprimorando sua beleza”, “..., pois eles são sinônimos de uma linda trajetória” e “... a arte de se reinventar...”. Esta mudança, no entanto, pode ser uma ilusão, pois novos padrões continuam a ser concebidos de maneira sutil (Moreno, 2016).

Percebe-se que o discurso estético é atravessado por contradições (Bakhtin, 2003; Teixeira, 2019). Uma variedade de pontos de vista gera um espaço de conflito onde o sujeito discute sua identidade, entre a necessidade de se conformar e a busca por manifestar seu verdadeiro eu. A mudança estética não é apenas um reflexo de decisões pessoais, mas uma influência social instigada por aspectos culturais e econômicos (Moreno, 2016).

O conceito de HE sugere um equilíbrio preestabelecido que limita as faculdades estéticas dos sujeitos e mesmo quando defende a singularidade, o discurso contemporâneo, traz consigo um ciclo de consumo e padronização da imagem. A procura pela simetria “ideal” entre traços faciais e corporais mostra-se, portanto, mais como tática de direcionamento e homogeneização do que apreciação da diversidade estética (Moreno, 2016; Teixeira, 2019). Essa transição entre padronização estética e a exaltação da singularidade reflete na adequação dos discursos midiáticos e comerciais às demandas atuais, sem escapar das estruturas normativas que legitimam os ideais de beleza (Moreno, 2016; Gregolin, 2003, 2004, 2008).

Análise Contextual e Construção Ideológica da Identidade Estética

A estética contemporânea surge como um forte instrumento de autoexpressão e fortalecimento (Floriani, Marcante & Braggio, 2010). A disseminação de métodos menos invasivos, como a utilização de toxina botulínica e preenchimentos, junto com o crescimento da indústria de beleza, com o aparecimento de novos produtos e tecnologias, tem sinalizado uma transformação cultural, na qual a HE é vista como um investimento na saúde (Santos et al., 2019). Por outro lado, essa declaração se insere em um contexto de medicalização do corpo e uniformização de estéticas

ideais, muitas vezes inatingíveis para grande parte da população (Poli Neto & Caponi, 2007; Leal et al., 2010; Silva, 2022).

O crescimento das redes sociais, como Instagram e TikTok, intensificou essa tendência, convertendo este procedimento estético num foco de mídia e comércio. Influenciadores e profissionais da área espalham mensagens que associam beleza à autoestima e aceitação, criando uma narrativa que transforma a aparência em projeto contínuo de aperfeiçoamento. (Floriani, Marcante & Braggio, 2010; Tropa & Moreira, 2023).

As redes sociais atuam de maneira fundamental, reinterpretando o conceito de autenticidade e transformando-o em um modelo comercial. O anseio pela "versão ideal de si mesmo" se transforma, portanto, em consequência da adesão a um padrão estético, camuflado como liberdade de escolha, se manifesta em uma linguagem opressora, que estabelece o que é visto como belo e passível de desejo (Loiola, 2014). Como relatado por Bakhtin:

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros, com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio, eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo. (Bakhtin, 2009, p. 29).

A teoria das relações dialógicas proposta por Bakhtin (2003, 2009) apresenta uma alternativa para compreender a formação da identidade estética, que ocorre na interação do sujeito com os discursos sociais (Gonçalves et al., 2021). Para Bakhtin, o discurso é dialógico, formado por interação e negociação entre vozes e sentidos. A busca pela HE torna-se, assim, espaço de tensão dialógica, onde se cruzam vozes do mercado, mídia, redes sociais e profissionais, influenciando as escolhas do sujeito (Loiola, 2014; Moreira, 2020).

A mutação dos padrões de beleza é um processo dinâmico de inter-relação entre diferentes esferas discursivas. A estética é, portanto, campo de negociação entre desejo individual, normas sociais e influências externas. O corpo, transformado por procedimentos estéticos, torna-se espaço de intervenção tanto de pressões sociais externas quanto da própria identidade. Contudo, como afirma Bakhtin (2009), essas escolhas não são completamente livres, pois se moldam sob as vozes dominantes do discurso social.

Embora a ansiedade por estética não seja recente, sua visibilidade e acessibilidade atuais estão associadas à medicalização do corpo. Esse processo, que converte o corpo em alvo de intervenção médica, vincula os procedimentos estéticos ao autocuidado e aos padrões estéticos

impostos socialmente, muitas vezes desconsiderando até aspectos de saúde mental (Poli Neto & Caponi, 2007; Leal et al., 2010; Silva, 2022).

A retórica da "beleza autêntica" insere-se em um mercado que oferece produtos e serviços que prometem alcançar um melhor padrão. A procura pela "autenticidade" torna-se paradoxal, associada a uma indústria que impõe normas e modela expectativas para a identidade. Como relatado por Bakhtin, a identidade é construída dialogicamente, enquanto a HE se traduz em adequação às normas predeterminadas, não em expressões puramente próprias (Paula, 2013). A liberdade estética prometida, pelo contrário, produz um molde preestabelecido e os ideais de beleza continuam a delimitar o que é desejável e aceitável (Moreno, 2016).

Bakhtin (2003, 2009) propôs contribuições significativas para a análise discursiva, que influencia a realidade social e subjetiva por meio das vozes predominantes. A persistência dos ideais estéticos normativos sob o discurso da "autenticidade" é exemplo claro dessa predominância que se manifesta mesmo quando as redes sociais e a indústria da beleza pregam a autonomia e individualidade, acabam por fortalecer normas que ditam os padrões estéticos universalmente aceitos.

Pode-se considerar que HE não é apenas uma experiência individual, mas um fenômeno coletivo, formado por várias vozes. Bakhtin, ao destacar o diálogo como elemento fundamental na construção dos significados e das identidades dos sujeitos, possibilita compreender que estes não existem isoladamente, mas inserem-se em uma rede de inter-relações. Mídia e redes sociais, profissionais da estética e os sujeitos estão acoplados em um campo simbólico dinâmico, no qual os significados estéticos são continuamente negociados e ressignificados (Floriani; Marcante; Braggio, 2010; Moreira, 2020).

Estereótipos de beleza, ampliados pela moda e pelas redes sociais, ajustam-se ao desejo do ser em adaptação a estes modelos, num diálogo que se ativa ou se desativa, segundo a inter-relação sucessiva com a representação social e pessoal de seu desejo (Moreira, 2020). Este caráter dialógico caracteriza a busca pela HE. A teoria de Bakhtin (2009) reflete-se aqui: os sujeitos não são passivos, mas agentes ativos que reconstroem e negociam os discursos, a partir dos quais é derivada uma identidade estética sempre em reconfiguração.

Desta maneira o corpo pode ser considerado um "espaço de vozes", no qual várias influências culturais e midiáticas se sobrepõem e se perpassam (McCaw, 2019). Este fenômeno é expressivo para o diálogo da teoria de Bakhtin, que demonstra de modo revelador que estas vozes exteriores

definidoras do padrão estético não são unânimes, mas disputam com vozes que estão na individualidade, trazendo novas construções do que é ser belo e, portanto, do que é ser quem se é.

A constante interação entre o sujeito e os ideais estéticos converte o corpo em um campo de tensões, no qual o indivíduo se vê diante do desafio de equilibrar a conformidade com a resistência à padronização, ao mesmo tempo que se reinventa sob as pressões estéticas. Ao aceitarem tais padrões, as pessoas reinterpretem o ideal estético, gerando novas formas de expressão e promovendo uma mudança nas percepções acerca da beleza, que é frequentemente contestada e reconfigurada pelos sujeitos (Silva, 2021). Mostrando que as vozes subalternas tentam se opor à imposição dominante, podendo tornar os procedimentos estéticos como uma tentativa de reorganização da identidade do sujeito (Gonçalves et al. 2021).

Estética e Poder: O Corpo entre Resistência e Submissão

A estética, com suas práticas e técnicas, faz parte de um campo de saberes que compõem a percepção da beleza e possuem poder simbólico, incidindo sobre a maneira com a qual os sujeitos são vistos e tratados socialmente.

A procura pela identidade estética e a adesão a normas de beleza têm a ver com o conceito de “ser-saber”. No qual sujeito participa de um campo de saberes que legitimam os discursos sobre a beleza, quando se assume este saber, envolve-se num constante diálogo com as normas sociais, podendo aceitá-las, moldá-las ou negá-las para construir sua identidade estética e sua própria versão de beleza (Veiga-Neto, 2003).

Ao mesmo tempo, a estética exerce um poder simbólico (ser-poder) que molda a forma como os indivíduos são vistos e tratados, amplificado por mídias, influenciadores e profissionais da estética. O corpo, portanto, constitui-se espaço de negociação entre o “ser-saber” no sentido de produção estética e o “ser-poder”, sendo ao mesmo tempo moldado pelas normas estéticas dominantes e um local de afirmação da identidade pessoal. Percebe-se que não é um processo isolado, mas faz parte de uma rede de interações que definem a relação do corpo com o ambiente (Veiga-Neto, 2003; Gregolin, 2003, 2004, 2008).

Dessa forma, o corpo se transforma em um espaço de resistência e adaptação. Apesar de as influências externas tentarem moldar a identidade estética, o indivíduo busca renegociar e redefinir sua relação com a própria aparência. Essa interação constante entre os discursos sociais e a vivência

pessoal resulta numa estética em movimento, na qual o sujeito, na maioria das vezes, consegue afirmar sua identidade, ao mesmo tempo em que lida com as vozes que formam os padrões predominantes (Moreno, 2016).

Pela abordagem foucaultiana (Veiga-Neto, 2003, Foucault, 2004), os discursos em torno da HE podem ser inseridos no campo do “poder-saber”, pelo qual a estética é utilizada como mecanismo de controle e normatização social (Alves & Azevedo, 2021). Simultaneamente, esses discursos reiteram a percepção de que a modificação do corpo é o caminho aceitável para alcançar o reconhecimento e a inclusão social (Leal et al., 2010; Silva, 2021).

Segundo Foucault (2009) e Orlandi (2020), o discurso exerce poder ao regular o que pode ser dito e aceito socialmente, inserindo a HE em uma ordem discursiva que define normas e hierarquias sobre a aparência. E a naturalização da HE como prática comum demonstra como a biopolítica molda subjetividades e comportamentos. O que interage com relações de poder, ao defender a adesão a um modelo de beleza padronizada, a HE exerce o papel de um dispositivo de controle social que produz pressão para que o sujeito se conforme e se ajuste aos padrões estabelecidos. O que leva até mesmo à prática de procedimentos corporais inadequados que refletem diretamente na saúde física e mental (Moreno, 2016; Polli, Joaquim & Tagliamento, 2021).

De acordo com Foucault (1979, 2019), os discursos sobre o corpo operam em um quadro de poder, certo de ser pelo processo da normalidade e pela subordinação do corpo. Ao mesmo tempo em que a ideologia que surge em tais discursos produz um ciclo de conformidade aos padrões reunidos, o que leva a inibição de expressão própria e acentua as desigualdades sociais (Orlandi, 2020; Gregolin, 2008). A força simbólica da estética é cada vez mais reconhecida na razão da mercantilização do corpo. Uma vez que a capacidade de ter acesso a tais padrões se encontra conectada ao modo de vida, à informação e ao poder financeiro (Santos et al., 2019; Silva, 2021).

Os enunciados concernentes à HE favorecem essa naturalização enquanto exigência contemporânea, a qual reafirma a existência de um corpo que precisa sempre estar em constante aperfeiçoamento. A existência de interdiscursividade, como vista por Orlandi (2020), se expressa na apropriação de termos como autoaceitação e liberdade, frequentemente referenciados na filosofia e psicologia, para legitimar os procedimentos estéticos. Também destaca que o discurso não apenas reflete a realidade, mas também a constrói.

Portanto, a HE não pode ser apresentada apenas enquanto uma decisão de escolha pessoal, mas enquanto uma prática que se insere em um sistema de poder que discursa sobre o que é

considerado belo, saudável e desejável. Nesse contexto, existe uma intersecção entre desejo pessoal e imposições culturais que moldam num processo contínuo, perpetuando a exclusão de corpos que não se encaixam nos padrões estabelecidos (Alberini, 2020; Dos Anjos & Ferreira, 2021; Silva, 2021).

Foucault (2004) também menciona como os discursos constroem "verdades" que são naturalizadas e aceitas socialmente. Pensando na HE, a beleza é considerada como o espelho que mostra o valor do sujeito, e a transformação estética se torna o meio de se realizar o potencial de beleza do corpo e que o sentimento de estar abaixo do padrão julgado como ideal, leva a insatisfação e a frustração (Moreno, 2016; Benevides & Rodrigues, 2017).

Portanto, o discurso estético revela um sujeito que se constrói a partir de desejos mediados por expectativas sociais. A busca pela HE e outros procedimentos estéticos pode ser entendida como uma tentativa de alinhar o "eu" interno à imagem esperada externamente. Esse desejo oscila entre a autenticidade e a conformidade, que cria um ciclo de insatisfação e busca por melhorias constantes, reforçando a regulação do corpo dentro de um sistema de poder e ideologia (Foucault, 2019).

Ainda que a transformação estética seja uma resposta ativa às pressões externas, ela também representa uma prática de submissão e é guiada pelas expectativas de uma cultura estética hegemônica. O embate entre ambas as forças – resistência e submissão – caracteriza a HE como um campo de negociação e também de conflito discursivo (Moreira, 2020). Contudo, essa tentativa de resistência é ambígua e contraditória, porque ela se dá no interior de um sistema de poder que ainda busca regularizar e normatizar a sua própria aparência externa.

Contradição e Ambiguidade de Significados no Discurso Estético

O discurso sobre a estética contemporânea, embora frequentemente associado à valorização de um padrão único de beleza, revela uma série de contradições ideológicas. A busca incessante pela "melhor versão de si mesmo" pode ser vista como uma exigência velada de constante aprimoramento, perpetuando a indústria estética como um elemento central na construção da identidade. Essa pressão pela transformação estética também se reflete na normalização de procedimentos que levantam questões éticas, como a acessibilidade, os riscos e as expectativas irrealistas quanto aos resultados (Teixeira, 2019).

Paradoxalmente, o discurso da autoaceitação, quando vinculado às práticas estéticas, acaba por reforçar a necessidade de mudanças, impondo um ideal socialmente aceito. Para Bakhtin, todo

discurso é ambíguo e contraditório, e isso se reflete diretamente no campo da HE, que oscila entre a promoção da autenticidade e a imposição de padrões de beleza uniformes. A noção de "autenticidade" associada à harmonização é contraditória, pois, enquanto se fala de independência pessoal e expressão de originalidade, os procedimentos estéticos acabam por normatizar a aparência, limitando essa autonomia. A ideia de "ser quem você realmente é...", na prática, é uma liberdade confinada aos limites do que é socialmente aceito (McCaw, 2019).

A normatização estética está completamente entrelaçada às relações de poder e à construção de um sistema de controle social. Foucault (2007), ao se referir à biopolítica, que é o modo segundo o qual os corpos humanos são regidos enquanto sujeitos administrados e controlados por critérios, normas e regras. E, embora induzam à ideia de um estado de "autonomia", acontecem em um sistema que disciplina, organiza e vigia as escolhas individuais (Alves & Azevedo, 2021).

Este mesmo processo de mediação e de construção conjunta, na medida em que a identidade e a subjetividade estão continuamente construídas pelos discursos culturais dominantes. Gera um domínio ambíguo, onde, apesar da promessa de autonomia e escolha, o sujeito está imerso em um processo de reinvenção do corpo que mescla concordância e resistência. A estética, assim, consiste em espaço de resistência dialógica, no qual o sujeito procura afirmar sua individualidade, em um domínio discursivo que, em muitos casos, é capaz de forçar a se adequar aos padrões e aos modelos firmados por forças externas (Moreno, 2016).

No debate sobre as ideias de Bakhtin (2009), nota-se que a HE não se trata apenas de uma escolha pessoal, mas sim de um espaço de negociações, onde as diversas vozes sociais, culturais e políticas se encontram, em um processo contínuo de desconstrução e reconfiguração das identidades. O sujeito, neste sentido, não é receptor passivo, mas, igualmente, é ativo no processo de construção de sua própria imagem e identidade (Paula, 2013).

Ocorrendo a hibridização de vozes sociais e culturais na estética, onde, ao mesmo tempo que o corpo é o espaço da dominação, ele é também o espaço da resistência. A HE surge como um processo dinâmico de reconfiguração de significados e formação da identidade (Gonçalves et al. 2021).

Baseado na percepção de Bakhtin, pode-se também ter o entendimento da HE como um fato híbrido, configurando-se num espaço de cruzamento de vozes e de significados múltiplos. O discurso em torno da beleza, desde as pressões emanadas do mercado, saídas do mundo das redes sociais e da

indústria da beleza, até tentativas de recriação da identidade pessoal, assim, revela-se heteroglóssico e multifacetado (Oliveira do Espírito Santo, 2021).

Enfim, esse processo não se limita à busca pela perfeição física, mas aparece na situação do choque de forças culturais, econômicas e sociais predefinidas. O corpo não é um ente solitário; na verdade, ele é um espaço de interações, inter-relações e interdiscursos que reflete as diversas formas de existir e se manifestar na contemporaneidade.

Considerações Finais

O contexto da estética atual revela um território complicado e diversificado, onde os conceitos de beleza, identidade e poder se inter-relacionam de formas intrincadas. As concepções de Bakhtin, Foucault e Orlandi ofereceram recursos importantes para revelar as dinâmicas sociais e discursivas que influenciam as práticas estéticas.

A HE surge como um aspecto dúbio, variando entre a expectativa de autoafirmação e a imposição de critérios normativos. A procura pelo "melhor de si mesmo" muitas vezes resulta em uma adesão a ideais estéticos pré-definidos, reforçando a depreciação de corpos que estão fora desses padrões.

Entretanto, o corpo também se estabelece como um território de resistência, onde os sujeitos renegociaram e reinterpretaram os discursos dominantes. A estética, assim, não é apenas um espelho das pressões sociais, mas também um espaço de disputa e comercialização, onde a identidade pessoal se choca com as normas sociais.

É fundamental, portanto, promover uma reflexão crítica sobre as práticas estéticas, questionando os padrões de beleza vigentes e encorajando a valorização da diversidade corporal que, por sua natureza, deve atuar como um recurso de empoderamento e autoafirmação, e não como um mecanismo de controle e normatização.

Em síntese, este estudo contribui para uma compreensão mais ampla e crítica da HE e da estética contemporânea, demonstrando como as escolhas individuais estão imersas em um contexto de normatização social e cultural. Futuras pesquisas podem expandir essa análise, explorando as implicações dessas práticas em diferentes contextos socioculturais e seus impactos sobre dinâmicas de poder, identidade e pertencimento no âmbito da saúde estética.

Referências

- Alberini, R.C. (2020). *Introdução à estética*. Contentus.
- Alves, Y. V., & Azevedo, M. A. (2021). A biopolítica de Michel Foucault: Controle do indivíduo e da sociedade. *Revista Inter-Legere*, 4(30), 1-22.
- Bakhtin, M. (Volochinov). (2003). *Estética da criação verbal*, (4 ed.). Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (2009). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. (13. ed.). Hucitec.
- Castro, S. D., Santos, A. C. A., & Machado, J. M. (2023). O papel do profissional da área de estética na saúde: Uma revisão narrativa. *Research, Society and Development*, 12(14), e02121444356. <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i14.44356>
- Clínica de Estética Sônia Rottava (2024, agosto 16). *A estética é o caminho para a autoexpressão e empoderamento. Seja sua própria obra-prima!* Facebook. <https://www.facebook.com/soniarottavaestetica>
- Pensador (2025a, janeiro 20). A pele é uma tela em branco e eu posso transformá-la numa obra-prima de vitalidade. *Pensador*. https://www.pensador.com/frases_de_esteticista_cliente/
- Pensador. (2025b, janeiro 20). A estética é a arte de se reinventar de forma suave. *Pensador*. https://www.pensador.com/frases_de_esteticista_cliente/
- Pensador. (2025c, janeiro 20). Cada cuidado estético é um passo em direção à sua melhor versão. Nunca pare de se transformar. *Pensador*. https://www.pensador.com/frases_de_esteticista_cliente/
- Pensador. (2025d, janeiro 20). Estética é a liberdade de ser quem você realmente é, o tempo todo. *Pensador*. https://www.pensador.com/frases_de_esteticista_cliente/
- Dos Anjos, L. A., & Ferreira, Z. A. B. (2021). Saúde estética: Impactos emocionais causados pelo padrão de beleza imposto pela sociedade. *Revista de Psicologia*, 15(55), 595-604.
- Dra. Ana Paula Miranda (@anapaulamirandaoficial). (2025, janeiro 28). *Preservando seus traços e aprimorando sua beleza*. Instagram <https://www.instagram.com/p/DFYnZtTRbga/>
- Floriani, F. M., Marcante, M. D. S., & Braggio, L. A. (2010). *Autoestima e autoimagem: A relação com a estética*. [Trabalho de Conclusão de Curso, não publicado]. Universidade do Vale do Itajaí.
- Fonseca, A. (@esteticistaadriana1). (2024, dezembro 23). *Tenha orgulho de cada traço em seu rosto, pois eles são sinônimos de uma linda trajetória*. Instagram <https://www.instagram.com/p/DD7XmvivUwy/>
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. (R, Machado, Trad.). Edições Graal.
- Foucault, M. (2004). *A arqueologia do saber*. Forense Universitária.
- Foucault, M. (2019). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. (R. Ramallete, Trad.). Vozes.
- Godoi, M. P. B., Pinto, K. V., & Cardoso, L. A. L. (2024). A influência da estética para mulheres e a qualidade de vida na satisfação com a autoimagem corporal. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 10(6), 962-973.

- Gonçalves, J. B. C. et al. (2021). *Análise dialógica do discurso em múltiplas esferas da criação humana*. Pedro & João Editores.
- Gregolin, M. R. (Org). (2003). *Discurso e mídia: A cultura do espetáculo*. Claraluz.
- Gregolin, M. R. (2004). *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: Diálogos e duelos*. Claraluz.
- Gregolin, M. R. (2008). Análise do discurso e mídia: A (re)produção de identidades. *Comunicação Mídia e Consumo*, 4(11), 11-25. <https://doi.org/10.18568/cmc.v4i11.105>
- Guimarães, E. (s/d) Harmonização facial e aceitação espiritual são como reflexos delicados dos aspectos externos e internos, guiando-nos à busca do equilíbrio. *Pensador*. <https://www.pensador.com/frase/MzQyNjczOQ/>
- IOB_odontologia. (2024, outubro 23). *Harmonizar é sobre evidenciar a beleza que existe em cada um!* Brasília, 23 out. 2024 Facebook <https://www.facebook.com/IOB.odontologiaespecializada>
- Leal, V. et al. (2010). O corpo, a cirurgia estética e a Saúde Coletiva: um estudo de caso. *Ciência & Saude Coletiva*, 15(1), 77-86.
- Loiola, R. (2014). *Análise discursiva da autoimagem corporal de mulheres em diferentes idades Espelho, espelho meu!....* [Tese de doutorado, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório <https://repositorio.ufmg.br/1843/MGSS-9R3LGP/1/554d>
- Martins, R. D. S. G., & Ferreira, Z. A. B. (2020). A importância dos procedimentos estéticos na autoestima da mulher. *Revista de Psicologia*, 14(53), 442-453.
- McCaw, D. (2019). Corpos em Bakhtin. *Bakhtiniana*, 14(3), 35-56.
- Moreira, M. D. (2020). A construção da imagem corporal nas redes sociais: Padrões de beleza e discursos de influenciadores digitais. *PERcursos Linguísticos*, 10(25), 144-162.
- Moreno, R. (2016). *A beleza impossível: Mulher, mídia e consumo*. Ágora.
- Nery Beauty Clinic (@nerybeautyclinic). *Aprenda a valorizar sua beleza única e autêntica. Sua pele é sua melhor embalagem*. 19 set. 2024. Instagram <https://www.instagram.com/reel/DAGmJ8aJKH>
- Orlandi, E. P. (2017). *Discurso em análise: Sujeito, sentido, ideologia*. Pontes Editores.
- Orlandi, E. P. (2020). *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. Pontes Editores.
- Passos, W. V., & Machado, C. R. S. (2018). A estética neoliberal da nova razão do mundo capitalista: Educando o indivíduo competitivo. *Rev. Espaço do Currículo*, 11(3), 453-469.
- Paula, L. (2013). Círculo de Bakhtin: Uma análise dialógica de discurso. *Rev. Est. Ling.*, 21(1), 239-258.
- Poli Neto, P., & Caponi, S. N. C. (2007). The ‘medicalization’ of beauty. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, 11(23), 569-84.
- Polli, G. M., Joaquim, B. O., & Tagliamento, G. (2021). Representações sociais e práticas corporais: Influências do padrão de beleza. *Arq. bras. psicol.*, 73(3), 54-69.
- Santos, M. A. et al. (2019). Corpo, saúde e sociedade de consumo: A construção social do corpo saudável. *Saude soc.*, 28(3), 239-252.

- Silva, B. G. F. (2022) *Harmonize-se: Que epistemes fundamentam a medicalização no consumo de procedimentos de harmonização facial?* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco]. Repositório Digital <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49374>
- Silva, F. M. (2021). Os padrões estéticos face aos processos de exclusão social. *Revista Científica Intelletto*, 6(2), 53-63.
- Teixeira, M. D. (2019). Considerações sobre o corpo em Mikhail Bakhtin. *Voluntas*, 10(1), 46-52.
- Tropia, C. G., & Moreira, S. P. S. (2023). A influência dos procedimentos estéticos na saúde mental. *Revista Estética em Movimento*, 2(2).
- Veiga-Neto, A. (2003). *Foucault e a educação*. Autêntica.